
A linha do tempo como estratégia metodológica para análises de circulação dos sentidos¹

Luan Moraes ROMERO²

Viviane BORELLI³

Pablo Furlanetto GONÇALEZ⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo: O artigo discute a confecção de uma linha do tempo, como estratégia metodológica para as análises de circulação (BRAGA, 2012, 2017; FAUSTO NETO, 2018; FRIGO, 2018; BORELLI; DIAS, 2018) de sentidos nas plataformas digitais (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018). Concebemos que tal abordagem pode ser um caminho a ser seguido tanto para organizar os dados coletados, quanto para tomar decisões de afunilamento analítico quando há diversos pontos nodais (BRAGA et al., 2017) em articulação. Para exemplificar nossa proposição, mostramos o desenvolvimento metodológico da pesquisa sobre os deslocamentos dos sentidos na página do Fantástico no Facebook sobre a reportagem “Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência”.

Palavras chave: Circulação; estratégia metodológica; Fantástico; presidiárias trans.

1. INTRODUÇÃO

No dia 1 de maio de 2020, foi ao ar, no programa jornalístico *Fantástico - o Show da Vida*, a vídeo reportagem sobre a situação das presidiárias transsexuais em cadeias masculinas do Brasil. De autoria do médico Drauzio Varella, a proposta da reportagem era levar ao conhecimento público como vivem essas detentas, contar suas histórias de vida, a marginalização e o preconceito que sofrem das famílias e das suas comunidades. Além de mostrar a forma que elas são e foram tratadas dentro e fora da penitenciária. As transsexuais são pessoas que nascem com gênero sexual oposto ao que se identificam. Ou seja, uma transexual mulher nasce com o órgão genital masculino e um transexual homem, com o órgão genital feminino. Esse grupo de pessoas além de ter que lidar com toda a carga emocional e

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Jornalista. E-mail: luan_155@hotmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: viviane.borelli@ufsm.br.

⁴ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: furlanetto.pablo@gmail.com

psicológica de não se identificar com o sexo de nascimento, vivenciam preconceitos, violência e descaso provindos do poder público, da população em geral e da família.

Desenvolvemos o artigo com objetivo de refletir sobre a utilização da linha do tempo como estratégia metodológica para as análises de circulação. Para isso, elaboramos uma linha do tempo sobre a circulação da reportagem do programa Fantástico em diferentes plataformas digitais para, então, ser possível identificar pontos nodais, em que há uma intensificação da circulação (BRAGA et al., 2017). A partir desses movimentos metodológicos iniciais, foi possível realizar a investigação de forma mais aprofundada no trabalho de conclusão do curso de Jornalismo intitulado: “A circulação da reportagem ‘Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência’: deslocamentos de sentidos na página do Fantástico no Facebook”.

Dessa maneira, refletimos sobre os imbricamentos entre a concepção da sociedade de plataformas (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018), com o Jornalismo e as complexidades da circulação (BRAGA, 2012, 2017; FAUSTO NETO, 2018). Após, destacamos a construção da linha do tempo como uma estratégia metodológica que emerge como uma perspectiva possível para apreensão da instância circulatória, conforme é empreendido por Frigo (2018) e problematizado por Borelli e Dias (2018).

2. SOCIEDADE DE PLATAFORMAS E A CIRCULAÇÃO

As plataformas, que fazem parte do cotidiano de bilhões de pessoas ao redor do mundo, atuam conectando os usuários entre si e também com empresas, organizações, conteúdos, publicidades e fornecedores de serviços. Mas, afinal, o que são plataformas? Van Dijk et al. (2018, p. 9, tradução nossa) as define como uma “arquitetura programável projetada para organizar interações entre usuários”⁵. Para a autora, as plataformas possuem uma anatomia composta pelos seguintes elementos: dados, algoritmos, interfaces, proprietários, modelos de negócio e termos de uso⁶. Resumidamente, a plataforma seria alimentada pelos dados inseridos por usuários ou coletados pelas ações dos mesmos no ambiente digital. Os dados são automatizados e organizados por meio de algoritmos e interfaces. A relação entre usuário e plataforma envolve atores sociais que desenvolvem ou detém as tecnologias da plataforma, ou seja, os proprietários. Elas são guiadas por modelos de negócios e essa relação usuário-plataforma é formalizada ou “governada” pelos Termos de Uso.

⁵ Texto Original: “we defined a platform as a programmable architecture designed to organize interactions between users.” (VAN DIJCK et al., 2018, p. 9)

⁶ Texto original: “platform is fueled by data, automated and organized through algorithms and interfaces, formalized through ownership relations driven by business models, and governed through user agreements.”

Os dados são coletados automaticamente e vão além do que inserimos nas plataformas, como data de nascimento, sexo, profissão, crença, status de relacionamento e etc. Também são coletados e analisados dados de ações e comportamentos: quanto tempo paramos olhando uma foto, o que pesquisamos, nossos interesses, nossa rede de contatos e amigos, onde moramos e que lugares frequentamos - apenas para citar alguns exemplos. Um arsenal de informações coletadas por meio de Interface de Programação de Aplicativos (APIs)⁷ e analisadas por algoritmos programados para filtrar enormes quantidades de dados. Com o processamento das nossas informações, as empresas de tecnologia entendem as particularidades de cada indivíduo: seus gostos, seus interesses e suas necessidades. Consequentemente, esses dados são utilizados para conectar os usuários a conteúdos, serviços e anúncios. As informações dos e sobre os usuários tornam-se moeda de troca, ocorre, então, a monetização dos dados.

Segundo Van Dijck et al. (2018), as plataformas possuem distintas lógicas de funcionamento e modelos de negócios, seja por criação de conteúdo, assinatura, cobrança de taxas ou por meio da monetização dos dados dos usuários. No geral, a maior parte delas apresenta-se como “gratuitas”. Contudo, os autores revelam que essa suposta gratuidade está encoberta por uma negociação que, na maioria das situações, passa despercebida pelos usuários. Ao ingressarmos em uma plataforma, no geral, é solicitado que se concorde com os Termos de Uso - que regulam a relação entre a companhia que fornece os serviços da plataforma e os usuários. Ao aceitar os *Termos*, concordamos com políticas e normas estabelecidas pela empresa e autorizamos o uso dos dados ali inseridos. É nesse ponto que encontramos o cerne dos modelos de negócios das plataformas: o processamento de dados.

Com isso, para Van Dijck et al. (2018), as plataformas desenvolveram uma espécie de economia própria: através da geração de valores por meio dos dados. Para eles, há um ecossistema de plataformas composto por dois tipos: as infra estruturais e as setoriais. As infra estruturais são as mais influentes e em sua maioria operadas por empresas das *The Big Five*. Estas plataformas são o coração ou núcleo do ecossistema no qual outras plataformas e aplicativos podem ser construídos, contendo miríade de serviços que dão base para que outras empresas, organizações e instituições possam operar.

Já as plataformas setoriais são voltadas a um setor ou nicho específico, como notícias, transporte, alimentação, educação, saúde, finanças ou hospitalidade. Essas dependem da

⁷ “As APIs são um conjunto de padrões que fazem parte de uma interface e que permitem a criação de plataformas de maneira mais simples e prática para desenvolvedores. A partir de APIs é possível criar softwares, aplicativos, programas e plataformas diversas. Por exemplo, apps desenvolvidos para celulares Android e iPhone (iOS)”. Fonte: FABRO, Carla. O que é API e para que serve? Cinco perguntas e respostas. TechTudo, 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/06/o-que-e-api-e-para-que-serve-cinco-perguntas-e-respostas.ghml>> Acesso em: 15 set. 2020.

infraestrutura fornecida, em geral, pelas *The Big Five*, para poder realizar suas operações. Por exemplo, aplicativos de transporte dependem dos sistemas de geolocalização do Google para terem acesso aos mapas de satélite e por meio deles poderem definir as rotas. De acordo com os pesquisadores, as *Big Five* lucram mais à medida que surgem novas plataformas setoriais integradas aos seus serviços básicos e permitindo a coleta de dados dos usuários em todo o ecossistema da Web e de aplicativos. Com isso, o núcleo do ecossistema aumenta sua influência, poder e valor de mercado.

3. JORNALISMO, CIRCULAÇÃO E AS PLATAFORMAS

As empresas jornalísticas desempenham papel central nas democracias ao redor do mundo. A função social do jornalismo está atrelada a responsabilidade de vigiar, observar e relatar ao público o que ocorre nas esferas política, econômica, social e cultural. E, a tarefa de levar a informação a conhecimento público é regida por códigos de ética⁸, por valores notícia e por procedimentos próprios da tradição da profissão. Contudo, para além dessa visão profissional do jornalismo, é preciso observar o contexto social que o mesmo está inserido. Dentro de uma sociedade capitalista, a informação torna-se uma mercadoria e o jornalismo é organizado por empresas. No caso do Brasil, apesar de existirem agências públicas que produzem conteúdos, grande parte da informação jornalística que circula é feita por veículos ou conglomerados de mídia privados.

A circulação é um fenômeno de ordem comunicacional, linguística e social, cujas complexidades começaram a ser percebidas e estudadas no contexto da midiatização. Fausto Neto (2008) e Braga (2012a) caracterizam a sociedade contemporânea como uma sociedade em vias de midiatização. Isso quer dizer que ela está passando por um processo, no qual a cultura midiática coloca-se como referência no modo de ser e organizacional da sociedade. Portanto, a midiatização altera as formas como são realizadas as interações e práticas sociais. As instituições e os indivíduos sofrem “afetações” e começam a deslocar-se para esse novo ambiente “com tecnologias elegendo novas formas de vida, com as interações sendo afetadas e/ou configuradas por novas estratégias e modos de organização, colocaria todos – produtores e consumidores – em uma mesma realidade, aquela de fluxos” (FAUSTO NETO, 2008, p. 93).

Na concepção sobre a Sociedade de Plataformas, as empresas de jornalismo e os donos de plataformas infraestruturais disputam espaço na mercantilização das notícias. De

⁸ FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Vitória, 2007. 4 p. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros-1.pdf> Acesso em: 15 set. 2020.

acordo com a pesquisadora, “as plataformas de infra-estrutura estão fazendo grandes esforços para se tornar nós centrais na produção, circulação e mercantilização de notícias, desenvolvendo novos serviços de dados e recursos relacionados a notícias” (VAN DIJCK et al., 2018, p. 50, tradução nossa⁹). Contudo, as plataformas ainda enfrentam muitos desafios em cumprir funções editoriais e princípios jornalísticos - especialmente em relação ao controle da disseminação de desinformação e têm muita dificuldade em identificar e impedir a circulação desse tipo de conteúdo nocivo para as sociedades.

Ao mesmo tempo que existem essas disputas, uma grande variedade de produtores de conteúdo de notícias usam as plataformas online para distribuir e monetizar seu conteúdo. E, a medida que o ecossistema de plataformas cresce, as empresas tendem a depender cada vez mais dos serviços infraestruturais das *Big Five*, “isso significa que a produção de notícias se torna progressivamente adaptada para obedecer aos mecanismos e princípios organizadores que conduzem o ecossistema da plataforma” (VAN DIJCK et al., 2018, p. 50, tradução nossa¹⁰). Os valores jornalísticos de independência e liberdade editorial, os valores notícia e de uma cobertura precisa e abrangente dos acontecimentos de interesse público, nesse cenário, começam a sofrer pressões dos mecanismos de funcionamento das plataformas, cujas lógicas giram em torno da personalização, isolando potencialmente os usuários em suas próprias bolhas culturais e ideológicas¹¹.

O problema gerado pela “plataformização das notícias”, segundo Van Dijck et al. (2018, p. 51, tradução nossa¹²), é que isso “não apenas intensifica essas pressões, mas também complica ainda mais a realização de valores jornalísticos cruciais”. A mudança de um modelo que gira principalmente em torno da autonomia editorial para um baseado nos interesses e atividades dos usuários com base em dados pode comprometer a autonomia jornalística. Os algoritmos das plataformas, como vimos anteriormente, são moldados de forma a utilizar os dados dos usuários de acordo com estratégias técnico-comerciais de seus respectivos modelos de negócio. Logo, ao utilizar essas métricas para produção de notícias

⁹ Texto Original: “infrastructural platforms are making extensive efforts to become central nodes in the production, circulation, and commodification of news by developing new data services and news-related features.” (VAN DIJCK et al, 2018, p.50)

¹⁰ Texto Original: “this means that the production of news becomes progressively tailored to obey the mechanisms and organizing principles driving the platform ecosystem.” (VAN DIJCK et al, 2018, p.50)

¹¹ Em relatório do segundo trimestre de 2020, o Facebook relatou que a quantidade de usuários ativos mensalmente na plataforma aumentou cerca de 12% em comparação ao ano anterior, sendo que no mundo todo esse número corresponde a aproximadamente 2,77 bilhões de pessoas. A plataforma também declarou que nesse trimestre obteve receita de aproximadamente 18,32 bilhões de dólares e lucro líquido de aproximadamente 5,17 bilhões de dólares. Segundo estatísticas da Statista#, em 2019 o Brasil tinha 136,63 milhões de usuários. A estimativa para 2020 é que esse número suba para 141,45 milhões. MENLO PARK, Calif. Facebook Reports Second Quarter 2020 Results. FACEBOOK Investor Relations, 2020. Disponível em: <<https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2020/Facebook-Reports-Second-Quarter-2020-Results/default.aspx>> Acesso em: 25 ago. 2020.

¹² Texto Original: “the platformization of news not only intensifies these pressures but also further complicates the realization of crucial journalistic values.” (VAN DIJCK et al., 2018, p. 51).

existe a inserção de uma perspectiva de plataforma nas lógicas de funcionamento e processualidades do trabalho jornalístico.

É necessário ressaltar que a produção, circulação e monetização de notícias por meio do ecossistema da plataforma envolve uma ampla variedade de atores. Esses processos resultam da interação entre plataformas, redes de anúncios, organizações de notícias e checagem de fatos, anunciantes e bilhões de usuários. As métricas sobre os usuários e a atividade nas páginas dos jornais nas plataformas, nesse contexto, tornam-se vitais dentro de redações porque os veículos de comunicação, jornais, rádios e programas jornalísticos de televisão passam a orientar sua produção e distribuição (ou parte dela) em torno dos dados da plataforma. “Os mecanismos da plataforma transformam as organizações de notícias à medida que são forçadas a desenvolver novas estratégias de monetização” (VAN DIJCK et al., 2018, p. 71, tradução nossa¹³).

A partir dessas considerações sobre o contexto geral da sociedade em plataformas e o Jornalismo, podemos compreender uma parte da teia de fatores que envolve a circulação das notícias nas plataformas. Portanto, agora, voltaremos com mais afinco para os conceitos de midiaticização e de circulação que nos ajudam a direcionar e entender melhor alguns fenômenos sociais, dentre os quais nosso objeto de estudo encaixa-se.

Para Fausto Neto (2018), a circulação apresenta-se, então, como ruptura do paradigma funcionalista da comunicação que entende a linguagem como ferramenta do interlocutor e do receptor para transmissão de mensagens. Da ideia da comunicação que passava do polo de produção ao polo de recepção, que ocorria de forma linear e que admitia a existência de “ruídos” nesse processo comunicacional, os estudos passam a identificar complexidades de ordem interacional, da ordem dos sentidos que circulam e tornaram-se mais evidentes com a midiaticização. O advento das plataformas e a inserção dos sujeitos dentro de lógicas midiáticas de produção de sentido - proporcionada pelos dispositivos técnicos -, permitiu que os complexos fluxos de sentidos fossem percebidos.

A circulação é vista como “zona de contato” na qual produtores e receptores encontram-se em processos interacionais complexos atravessados por lógicas diversas e segundo dinâmicas de funcionamento das plataformas (FAUSTO NETO, 2018). “A então ‘zona de passagem’ dá lugar a um outro tipo de articulação, de natureza assimétrica, produzindo interações entre produtores e receptores sempre caracterizada por descontinuidades” (FAUSTO NETO, 2018, p. 30).

¹³ Texto Original: “Platform mechanisms transform news organizations as they are forced to develop new native and networked monetization strategies.” (VAN DIJCK et al., 2018, p. 71).

Nesse sentido, Braga et al. (2017) define a comunicação como processo tentativo e que os episódios comunicacionais ocorrem mediante interação entre indivíduos. E, para a comunicação concretizar-se são necessários dois elementos: os códigos e as inferências. Resumidamente, os códigos são da ordem dos elementos compartilhados entre indivíduos, seja a linguagem, os costumes, as práticas sociais, os algoritmos, as normas, os padrões e etc. Já as inferências são, em parte, da ordem do interpretativo, mas não somente disso. Envolvem também processos de dedução e abdução, tensionamento dos códigos, sentidos, repertórios do receptor e outros fatores. Isso contribui para a afirmação do autor de que a comunicação é um processo tentativo.

Para Braga et al. (2017), os “produtores” são os participantes de um episódio interacional que fornecem elementos para a circulação; e “receptores” são os participantes de outro episódio, que acionam aqueles elementos para suas ações comunicacionais. Ou seja, os receptores não recebem passivamente a mensagem, eles também são acionadores de outros sentidos na circulação. A partir dessa concepção dos receptores, formula-se a ideia dos fluxos adiante (BRAGA et al., 2017) na circulação, pois a mesma não se concentra em um episódio comunicacional específico, mas pode ir além, para outros espaços, sejam eles físicos ou mediados, sejam em palestras, conversas entre amigos, comentários em plataformas, outras publicações e etc.

Dessa forma, torna-se difícil identificar um “ponto inicial” e um “ponto final” de um episódio comunicacional. Podemos dizer, portanto, que a reportagem exibida no Fantástico é um elemento acionador de sentidos na circulação, mas não é o ponto de partida da circulação, uma vez que a mesma é resultado de distintos processos de interação que envolvem os aspectos de produção da reportagem, os participantes envolvidos, a experiência de Drauzio Varella como médico voluntário em penitenciárias, os preconceitos da sociedade em relação às pessoas transsexuais e uma série de outros acionadores.

Tendo em vista a comunicação como processo interacional tentativo, percebemos que o produto midiático (a reportagem) não é o ponto de partida do fluxo, mas sim o que Braga et al. (2017, p. 73) chama de “ponto nodal” na circulação:

Os dispositivos interacionais e seus episódios são os pontos nodais da circulação. O “produto” corresponde apenas a uma parte dos elementos de saída e de entrada que relacionam dispositivos interacionais no circuito. Em cada ponto nodal ou “estação” identificável, são estimuladas ações interacionais, adjunção de códigos, acionamento de inferências e, portanto, geração de outros sistemas de relações entre os componentes aí articulados.

O conceito de circulação é essencial em nossa pesquisa porque orienta-nos sobre como entender as complexidades próprias do processo comunicacional que se intensificam

nas plataformas. No próximo capítulo, voltamos a associar alguns desses conceitos na elaboração da linha do tempo, na análise dos episódios, nas reflexões sobre o objeto empírico e nos critérios metodológicos que vamos adotar.

4. LINHA DO TEMPO DA CIRCULAÇÃO DAS NOTÍCIAS

Com dito na Introdução, este artigo decorre de uma pesquisa mais ampla em que foi estudada a circulação da reportagem “Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência”, na página do Fantástico no Facebook. Para essa reflexão específica, realizamos um movimento metodológico para além dessa plataforma para compreensão dos contextos que circularam sobre a reportagem. Optamos metodologicamente¹⁴ por construir uma linha do tempo a partir de sites de notícias, artigos em blogs e publicações em plataformas distintas sobre a reportagem e verificamos um período observável de 11 dias com diferentes momentos. Essa linha do tempo foi baseada também na discussão realizada por Borelli e Dias (2018) acerca dos desafios do ponto de vista metodológico para compreender a circulação, bem como na concepção utilizada por Frigo (2018) para elaboração de uma linha do tempo. Além disso, consideramos essencial a ideia de Braga (2008, p. 83, grifo do autor) de busca por “indícios relevantes (pistas, sintomas) que – articulados pelo pesquisador – aproximam o olhar sobre as lógicas processuais básicas que fazem o objeto «funcionar»”.

Para captação dos dados, utilizamos o site de buscas do Google e as ferramentas de pesquisa das plataformas Facebook, YouTube e Twitter; e realizamos pesquisas por meio das palavras-chave: “reportagem presidiárias trans”, “reportagem Drauzio Varella presídio”, “caso Susy”, “reportagem Fantástico presidiárias trans”. Essas palavras-chave foram eleitas mediante a temática abordada na reportagem. Em buscas iniciais, observamos muitos compartilhamentos da cena em que Drauzio Varella abraça a detenta Susy Oliveira dos Santos. Por isso, optamos também pela busca por “caso Susy”, uma vez que ela tornou-se uma das personagens centrais na circulação. Além disso, coletamos, de forma rizomática, publicações de plataformas inseridas em matérias de sites de jornais e blogs, à medida que verificamos a importância da postagem para a compreensão dos eventos.

Coletamos informações de: sites de notícias, portais, publicações no Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, blogs e site de streaming Globoplay. Organizamos em um arquivo .doc todas as URLs¹⁵ encontradas e separamos elas de acordo com suas respectivas

¹⁴ O trabalho final também buscou experimentar metodologicamente o uso de nuvens de palavras geradas a partir do software de análise lexicométrica Iramuteq. As reflexões sobre essa etapa específica devem integrar outro artigo ainda a ser publicado.

¹⁵ “A sigla tem origem na língua inglesa e significa ‘Uniform Resource Locator’ (Localizador Uniforme de Recursos, em tradução livre). [...] Desse modo, a página pode ser acessada por meio de um endereço de mais fácil memorização. Logo, todos os elementos que compõem uma URL seguem um padrão uniforme, por meio do qual é possível identificar suas diferentes partes, como o protocolo, o domínio e os subdiretórios”. Fonte: DUTRA, Daniel. “O que é URL? Entenda o

datas de postagem. Identificamos o local em que os dados foram coletados e incluímos uma breve descrição de até duas linhas sobre o conteúdo do texto ou vídeo (no caso de postagens no Facebook, Instagram ou Twitter) a fim de facilitar a identificação desses materiais.

O período selecionado foi de 11 dias, do dia 1 de março de 2020 ao dia 11 de março de 2020. O recorte desse período deu-se na medida em que fomos observando e descobrindo os novos episódios comunicacionais (BRAGA et al., 2017) que se sucederam após a exibição da reportagem. Cessamos a coleta no dia 11, um dia após a retratação no Jornal Nacional em nome da emissora, do programa e de Drauzio. Foram coletadas 70 URLs. Esse primeiro momento da pesquisa, possibilitou-nos visualizar, de forma mais abrangente, a circulação da notícia ao longo dos 11 dias. Abaixo, temos um mapa conceitual que mostra a linha do tempo destacando os sentidos que circularam sobre a reportagem:

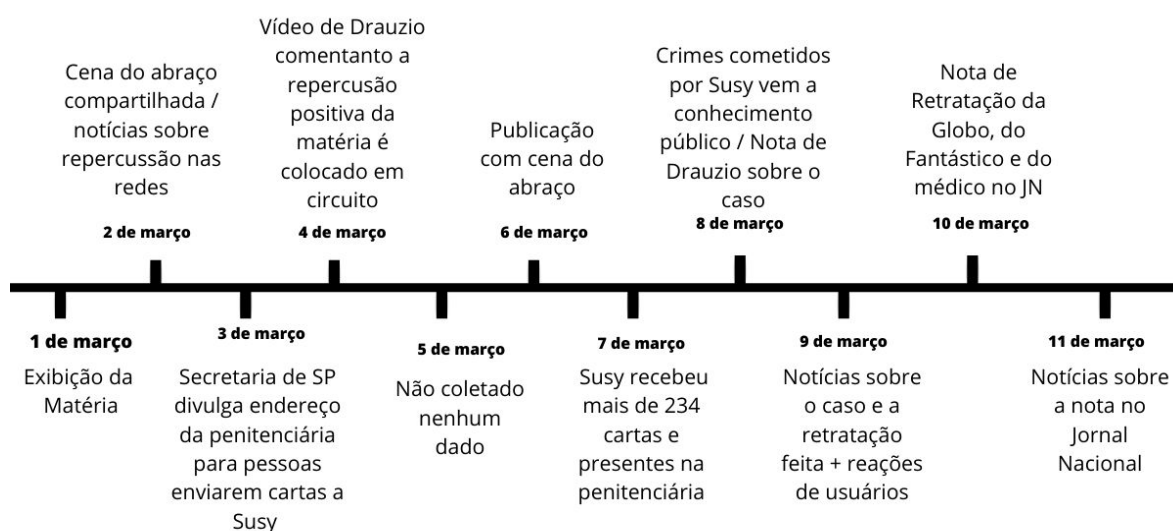


Imagem 1: linha do tempo da circulação de notícias nas plataformas digitais¹⁶

A proposta de criar uma linha do tempo é articulada na visada de reconstituir os sentidos que circulam em diferentes pontos nodais para que, a partir desse panorama, possamos eleger critérios de delimitação analítica. É importante compreender que o nível de aprofundamento sobre tais dados é tomado com base na concepção prática de que há prazos a serem cumpridos para a entrega do trabalho final, mas fica latente a noção de que tais dados podem ser revisitados por diferentes perspectivas e angulações de análise. Concebemos que a estratégia metodológica de efetuar uma linha do tempo contribuiu para dar conta tanto de

endereço de sites mobile e portais da Internet”. TECHTUDO, 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/02/o-que-e-url-entenda-o-endereco-de-sites-mobile-e-portais-da-internet.ghtml>> Acesso em: 28 mai. 2020

¹⁶ Elaborado pelos autores.

organizar o material coletado como, a partir dessa organização, estabelecer critérios para aprofundar o olhar analítico. Dessa forma, partimos então para uma descrição dos fatos que nos guiaram para as possíveis perspectivas de análise.

No dia primeiro de março, no qual a matéria foi exibida, recolhemos URLs do perfil do Fantástico no Facebook e Twitter, no site do próprio programa que está disponível na plataforma G1 e no site de streaming Globoplay - ambos do grupo Globo. No G1 e no site do Fantástico, a matéria está disponível para as pessoas assistirem em formato de vídeo. As publicações do Twitter e do Facebook são divulgações da reportagem e com link que redireciona para o site do programa. Nesse sentido, observamos distintas interações com os usuários presentes nas redes sociais, na página do Fantástico no Facebook coletamos uma publicação que teve mais de 9,8 mil reações, 2,2 mil comentários e 5,7 mil compartilhamentos. Já no perfil do programa no Twitter, o tweet foi compartilhado mais de 5,1 mil vezes, obteve mais de 24,5 mil curtidas e 1,2 mil retweets.

No dia 2 de março, recolhemos quatro matérias que comentam sobre a reportagem exibida no dia anterior e a repercussão, em geral ressaltando os aspectos positivos da mesma. Percebe-se, dentre as matérias, uma repetição de palavras como “emocionou”, “comoveu”, “sensibiliza”. Também são presentes nas matérias comentários de usuários das plataformas em caixas de texto que apresentam, por exemplo, a publicação com nomes dos usuários que fizeram o comentário, quantidade de curtidas, comentários, além de links que redirecionam para as plataformas. Também coletamos no Facebook três postagens da página “Quebrando o Tabu”, sendo duas postagens com a imagem do abraço que Drauzio dá em Susy e uma terceira com o vídeo da mesma cena. Juntas, as postagens totalizam mais de 193 mil curtidas; 13,3 mil comentários e 23,3 mil compartilhamentos. Coletamos também uma matéria da Rede Brasil Atual, que apareceu nos resultados da busca no Google, que destoa dessas outras publicações fazendo uma crítica a maneira como a reportagem relata a vida das presidiárias trans.

No dia 3 de março, coletamos uma notícia do G1 que relata a divulgação da Secretaria de Administração da Penitenciária do endereço para envio de cartas à detenta Susy. No Facebook, recolhemos na página do Fantástico, uma postagem que divulga o endereço para envio de cartas. Já a página Quebrando o Tabu, publicou dois posts com elogios direcionados para Drauzio Varella.

No dia 4 de março, coletamos uma entrevista em texto com Drauzio falando sobre o processo de produção da reportagem, no site “notícias da tv por Daniel Castro”, com o título: “Reportagem de Drauzio que comoveu o Brasil levou cinco meses para ficar pronta”. Foi publicado na página do Facebook do Fantástico e no site de streaming Globoplay o mesmo

vídeo de Drauzio Varella comentando a repercussão positiva da reportagem e sobre a cena do abraço. Observamos também na página **Quebrando o Tabu** um compartilhamento da postagem da página da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) que critica a forma como as transexuais foram retratadas na reportagem já que, de acordo com a Antra, a matéria não reflete a realidade de todas as presidiárias trans.

Não coletamos nenhuma postagem realizada no quinto dia a respeito do caso estudado. Já no sexto, temos uma postagem no Facebook da página **Quebrando o Tabu** com imagem do abraço de Susy e Drauzio. Na legenda consta que “[...]a Secretária de Administração Penitenciária (SAP) informou que ela recebeu 16 livros, maquiagens, chocolate, envelopes, canetas e 34 cartas. Todo material estava endereçado para Suzy”¹⁷. Também consta na legenda o endereço postal para envio de cartas e outros objetos à detenta.

No dia 7 de março, temos cinco matérias de sites e portais de notícias. Quatro delas, noticiando que Susy havia recebido 234 cartas na prisão após a circulação da reportagem nas redes sociais. A outra notícia do site **Universa** (Portal UOL), conta a campanha feita pelos usuários nas redes sociais para encontrar Lolla, uma das personagens da reportagem que recebeu liberdade provisória.

No dia 8, coletamos duas do site **O Antagonista**: a primeira matéria informa que “O Antagonista confirmou que a transexual Suzy apresentada em reportagem de Drauzio Varella no Fantástico, no domingo passado, foi condenada por estuprar e estrangular um garoto de 9 anos. Ele deixou o corpo da criança apodrecer em sua sala por 48 horas.” Em outro trecho, diz: “Juízes criminais levantaram a ficha de Susy de Oliveira, cujo nome de batismo é Rafael Tadeu de Oliveira dos Santos. A transexual está presa desde 2010”¹⁸.

A segunda, intitulada “Tia de Suzy relatou que sobrinha abusou de outras crianças”¹⁹, traz trechos do testemunho da parente de Suzy que consta no julgamento. Outra notícia é do **Correio Braziliense**, que menciona a nota publicada por Drauzio Varella e a polêmica nas redes após revelação dos crimes. As reportagens comentam sobre como o processo de Susy veio à público, em relação a isso o Correio fala “A reportagem causou comoção e a interna chegou a receber 324 cartas e presentes, de acordo com a Secretária de Administração

¹⁷ Citação retirada de: QUEBRANDO O TABU. Lembram da Suzy? Ela é uma das presidiárias trans entrevistadas pelo Drauzio Varella no Fantástico. 06 mar. 2020. Facebook: Quebrando o Tabu. Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/posts/3240433646013000>. Acesso em: 22 jul. 2020.

¹⁸ Citação retirada de: Sem Autor. Trans abraçada por Drauzio Varella no Fantástico estuprou e estrangulou menino de 9 anos. O Antagonista, 2020. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/sociedade/trans-abracada-por-drauzio-no-fantastico-matou-e-estrangulou-menino-de-9-anos/> Acesso em: 22 jul. 2020.

¹⁹ Citação retirada de: Sem Autor. Tia de Suzy relatou que sobrinha abusou de outras crianças. O Antagonista, 2020. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/tia-de-suzy-relatou-que-sobrinha-abusou-de-outras-criancas/> Acesso em: 22 jul. 2020.

*Penitenciária. No entanto, após uma rede de advogados publicar em uma página da internet o motivo da detenção, houve reação, com polêmica e revolta na internet*²⁰.

Ainda no dia 8, há duas postagens da página do Antagonista no Facebook, as quais compartilham o link de duas notícias de títulos: “*Globo diz que objetivo da reportagem não era mencionar crimes das transexuais*”²¹ e “*Quando a notícia foi o menino morto pela transexual*”²². No Facebook, encontramos a mesma nota de esclarecimento compartilhada pelas páginas “Portal Drauzio Varella” e “Quebrando o Tabu”. Também coletamos no site do Fantástico no G1, matéria que comenta que os crimes das entrevistadas não foram divulgados porque esse não era o objetivos da reportagem e reforça apoio à nota do Drauzio sobre o caso:

*Há trinta anos, cuido da saúde de criminosos condenados. Por razões éticas, não busco saber o que de errado fizeram. Sigo essa atitude para cumprir o juramento que fiz ao me tornar médico. E para não cair na tentação de trai-lo, atendendo apenas aqueles que cometeram crimes leves. No quadro do fantástico, segui os mesmos princípios. Sou médico, não juiz*²³. (Nota de Drauzio Varella, 2020)

No dia 9 de março, localizamos quatro notícias publicadas em diferentes sites sobre a divulgação dos crimes de Susy e a nota publicada por Drauzio. Destacamos a do site E+, do jornal Estadão, que traz informações sobre quem divulgou o processo de Susy: “*As informações sobre a condenação foram divulgadas pelo perfil do Grupo de Ciências Criminais no Instagram, que posteriormente apagou o post*”²⁴. A matéria do E+ tem caixa de texto com um tweet do ministro da Educação, Abraham Weintraub, criticando a Globo e Drauzio. Também possui uma caixa de texto com um tweet do perfil de Drauzio com nota de esclarecimento. No Twitter, recolhemos dois tweets: um do perfil RedeTV! com vídeo de Sonia Abrão comentando sobre o caso e outro do perfil do presidente Jair Bolsonaro, que critica a Globo pela reportagem e defende prisão perpétua em casos de crimes como o cometido pela Susy.

²⁰ Citação retirada de: SOUZA, Renato. “Sou médico, não juiz”, diz Drauzio sobre presa trans que matou criança. Correio Brasileiro, 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/08/interna-brasil.832978/sou-medico-nao-juiz-diz-drauzio-sobre-presas-trans-que-matou-crianca.shtml>> Acesso em: 22 jul. 2020.

²¹ Citação retirada de: O ANTAGONISTA. Globo diz que objetivo da reportagem não era mencionar crimes das transexuais. 08 mar. 2020. Facebook: O Antagonista. Disponível em: <<https://www.facebook.com/oantagonista/posts/1549877608536475>> Acesso em: 22 jul. 2020.

²² Citação retirada de: O ANTAGONISTA. Quando a notícia foi o menino morto pela transexual. 08 mar. 2020. Facebook: O Antagonista. Disponível em: <<https://www.facebook.com/oantagonista/posts/1549707205220182>> Acesso em: 22 jul. 2020.

²³ Citação retirada de: Sem autor. Nota sobre a reportagem que mostrava mulheres trans em presídios brasileiros. G1, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/08/nota-sobre-a-reportagem-que-mostrava-mulheres-trans-em-presidios-brasileiros.ghtml>> Acesso em: 22 jul. 2020

²⁴ Citação retirada de: Sem autor. Após revelação de crime, detenta trans, Drauzio Varella e Globo se manifestam. E+, 2020. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento.detenta-trans-drauzio-verella-globo-se-manifestam.70003226135>> Acesso em: 22 jul. 2020

No dia 10, coletamos três postagens no Facebook, três notícias e um vídeo da Globoplay. Das postagens no Facebook: 1) a primeira é uma publicação da página Portal Drauzio Varella com um vídeo do médico comentando sobre a nota compartilhada em suas redes sociais no dia 8, em que pede desculpas à família da vítima que foi exposta e aos telespectadores que se decepcionaram com ele; 2) a outra publicação é da página do Fantástico com um link para o site do programa e legenda com pedido de desculpas em nome do Fantástico, da Globo e do Drauzio; 3) a terceira publicação é da página de O Antagonista, que compartilha um link para reportagem que fala sobre o pedido de desculpas da Globo exibido no Jornal Nacional. No site de streaming Globoplay, há um vídeo de 5 minutos com o trecho da edição do Jornal Nacional que foi ao ar no mesmo dia, no qual o apresentador William Bonner lê a mesma nota de retratação publicada na página do Fantástico e mostra também o mesmo vídeo que Drauzio em sua página do Facebook. Duas, das três notícias coletadas, são do site Metrôpoles e falam sobre o pedido de desculpas de Drauzio e da TV Globo à família e aos telespectadores. A outra notícia, do jornal GaúchaZH, fala sobre carta escrita pela presidiária, na qual pede perdão pelo crime e fala que durante a entrevista não foi perguntada sobre o motivo de estar presa.

No dia 11 de março, foi coletada somente uma matéria, no site Hugo Gloss, sobre o pedido de desculpas da Globo no Jornal Nacional e que traz um histórico dos acontecimentos que envolveram todo o caso. A partir desse levantamento, foi possível perceber que a reportagem foi acionadora de diversos sentidos em diferentes ambiências, havendo uma pluralidade de pontos de vista na circulação. A identificação desses sentidos só foi possível após a organização da linha do tempo para que, metodologicamente, fosse possível optar por compreender o que circulou na página do Fantástico no Facebook. A decisão para esse aprofundamento analítico foi tomada com base em nossa reflexão sobre os imbricamentos entre os sentidos emergentes nas plataformas e a produção jornalística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação da circulação dos sentidos sobre a reportagem “Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência” tomou forma a partir da constituição da linha do tempo apresentada. Consideramos que tal estratégia metodológica pode ser um caminho possível para apreender de maneira descritiva e analítica a noção de pontos nodais (BRAGA et al, 2017), pois, em alguns momentos, há intensificação dos processos comunicacionais. Além disso, a elaboração de uma linha do tempo proporcionou um panorama inicial sobre os fatos e por onde circularam, para que depois fosse possível tomar decisões com relação ao aprofundamento analítico.

Na pesquisa, notamos a riqueza dos sentidos mobilizados pela repercussão da reportagem, o que nos colocou o desafio de tomar decisões metodológicas sobre qual visada analítica seria tomada em tempo viável para a conclusão do trabalho. Optamos por focar nos sentidos circulantes na página do programa Fantástico no Facebook, já que nos interessa os tensionamentos entre os sentidos emergentes nas plataformas e a produção jornalística. Contudo, outras angulações seriam possíveis, como compreender quais sentidos são mobilizados na página do Antagonista e as relações delas com o que emerge na página do Fantástico. Além dessa, outra abordagem seria compreender como a frase “Solidão, né minha filha?”, enunciada por Drauzio, tomou outros sentidos em circulação com a produção de diversos memes. Assim, tal diversidade de angulações só foi possível de ser concebida a partir da articulação dos dados coletados em uma linha do tempo.

Apontamos indícios de que a proposta de discussão social da reportagem - a qual tinha foco na realidade das trans no sistema prisional - desloca-se por meio de fluxos adiante acionados pela circulação (BRAGA et al., 2017) para questões relativas ao gênero. Os comentários denotam pistas de como a sociedade percebe as pessoas transsexuais: o preconceito que é demonstrado, ora de maneira contundente e explícita em confronto com a narrativa da reportagem que relata a realidade que muitas transsexuais enfrentam por conta de sua sexualidade, ora amena com uso da ironia. Além do julgamento sobre questões de identidade, em que usuários não reconhecem que as mulheres transexuais são mulheres.

A discussão sobre os crimes das detentas intensifica-se em circulação. Entretanto, é preciso lembrar que elas foram julgadas nas instâncias legais e, no momento das gravações, já estavam cumprindo suas respectivas penas. Identificamos pistas para novos estudos acerca do objeto no que tange às questões éticas que envolvem julgamentos sobre os crimes pela sociedade e em relação às contestações do fazer jornalístico e suas relações com a polarização política e ideológica que ocorre no contexto social atual²⁵. Também poderia ser realizada uma reflexão aprofundada sobre as temáticas do preconceito, da identidade de gênero e da marginalização das transsexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORELLI, Viviane; DIAS, Marlon Santa Maria. Circulação discursiva: desafios metodológicos para compreender as interações entre jornais e leitores. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v.6, n. 2, jul. 2018. ISSN 2318-406X. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/12602>> Acessado em: 09 de set. 2020.

²⁵ Podemos pesquisar, num momento futuro, tal problemática por meio do aprofundamento dos conceitos de polarização, intolerância e ódio no contexto da mídiatização da sociedade, tratados no livro “Mídiatização, (In)tolerância e Reconhecimento” lançado neste ano pela Compós, organizado pelas pesquisadoras Bárbara Heller (Unip), Danila Cal (UFPA) e Ana Paula da Rosa (Unisinos).

BRAGA, J.L et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2017, 449 p. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6.

____ **SOBRE "MEDIATIZAÇÃO" COMO PROCESSO INTERACIONAL DE REFERÊNCIA.** PaperCompós. Bauru, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/index.php/animus/article/viewFile/6693/4050#page=9>> Acesso em: 24 out. 2018

____ **La política de los internautas es producir circuitos.** In: CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antonio. Las políticas de los internautas. Buenos Aires; La Crujia, 2012a.

____ **Comunicação, disciplina indiciária.** Matrizes, São Paulo, v.1, n. 2, p.73-88, 2008. Semestral

FAUSTO NETO, Antônio. **Circulação: trajetos conceituais.** Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 08-40, jul. 2018. ISSN 2318-406X. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004>>. Acesso em: 11 set. 2020. doi:<https://doi.org/10.17058/rzm.v6i2.13004>.

____ **Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?** In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto (orgs). 10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2013. p.43-64.

____ **Midiatização - prática social, prática de sentido.** Paper Compós. Bauru, 2006.

FRIGO, Diosana. **Circulação de sentidos e a memória da ditadura civil-militar no acontecimento o "Voto de Jair Bolsonaro" no impeachment de Dilma Rousseff.** Dissertação de Mestrado em Comunicação - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2018, p.140

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **Platform society: public values in a connective world.** Nova York: Oxford University Press, 2018.